



Deyme Moura, representante do Museu da Resistência

MUSEU DA RESISTÊNCIA: POVO QUE RESISTE, QUE PERMANECE E QUE LUTA

O Museu da Resistência Histórica das Comunidades Rurais de Potiretama, foi fundado em meados de 2018, numa iniciativa da juventude da comunidade de Caatingueirinha. A ideia nasceu quando estudantes da Universidade Federal do Ceará – UFC, foi conhecer a comunidade e viu que tinha muitas histórias e a necessidade de resgatá-las, dando início a um processo de educação patrimonial, considerando o que é importante para as famílias que aqui moram e pra quem convive com elas. Deimy Moura – representante do museu, diz que *“o nome do museu vem do desejo das pessoas de manter os saberes ancestrais. Esses conhecimentos incluem as práticas de agricultura sem veneno, o manejo da água e do solo, a observação do clima, o armazenamento de sementes... Tudo o que hoje conhecemos por agroecologia. E essa apropriação do passado é uma forma de resistência, de continuar produzindo, cuidando da terra, preservando nossa história.”*

A água é um elemento potente no Museu da Resistência

O nome do museu e o acervo começam a partir do acesso à água. Deyme lembra que *“isso porque quando a água está próxima, não precisa se deslocar pra buscá-la. Com a chegada das cisternas, os filhos não precisam andar pra pegar água, as mães não precisam carregar água de ancoretas nos jumentos... Então se tem água e qualidade de vida. As pessoas tem tempo pra estudar, pra pensar, pra refletir... A água é esse elo com a ancestralidade, os saberes, as necessidades, as famílias e a comunidade.”*

O sertão vai virar mar ou já foi mar?



Intercâmbio do P1+2 em roda de conversa debaixo do Pereiro.

Entre as histórias, uma é bem enraizada na árvore-símbolo que fica no meio da comunidade: o Pereiro. Com serenidade, Deimy diz: “A gente sentava com os avós pra ouvir. Eles contavam e encantavam. Tudo começa à sombra do Pereiro. Se ficarmos em silêncio, é possível ouvir o som das águas. São baleias que passaram por aqui balançando suas caudas, embora estejamos muito longe do mar. Os pesquisadores que aqui passaram, ficaram intrigados porque acharam uma conchinha do mar em cima da serra aqui perto. Como algo que só tem no mar foi encontrado por aqui, num local de difícil acesso?”



Deimy segue dizendo “que é do tempo do dilúvio, que as baleias seguiram a arca de Noé e por aqui ficaram. Quando a água começou a baixar, as baleias iam se mexendo e formando um buraco, que a gente chama de Cama de Baleia. E foram afundando porque não tinha mais água. As baleias morreram e a terra as cobriu. Na ciência, os pesquisadores chamam essas camas de Aquífero Jandaíra, Aquífero Assu... que tem um pedacinho dentro da comunidade. No mapa, é possível detectar. E aí, liga a mitologia com a ciência: os cientistas descobriram que debaixo do Pereiro tem muita água! E Jandaíra é o nome indígena de uma espécie de abelha sem ferrão. O Pereiro daqui tem mais de 150 anos. Ele começa a florir e a perder folhas num período diferente

dos outros. E quando começa a nascer as folhas do lado onde o sol se põe, é porque não vai chover bem. As pessoas foram vendo essas mudanças naturais das árvores com as mudanças climáticas, com a vinda das chuvas... Outra questão é que o Pereiro sempre fica verdinho. Cai as folhas mas logo nascem outras. É como se fosse uma magia. Os nossos ancestrais dizem que não pode derrubar o Pereiro. Se derrubar é perigoso vir anos de seca ou anos de alagar tudo. Isso pode mudar totalmente nossa região.”

A juventude iniciou o processo de conscientização patrimonial porque vinha de um coletivo, a partir dos grupos de convivência com o Semiárido. Deyme revela que *“a Universidade Federal do Ceará trouxe a proposta de trabalhar a partir do resgate cultural. A gente visitava as casas dos mais velhos, que contavam a história dos objetos, a função, como surgiu, a relação com o cotidiano das pessoas... E a gente ia observando as mudanças no tempo, o que surgia depois, sem descartar a importância deles pro futuro. Isso revela as transformações que a comunidade passou. Então recebemos orientações de como conversar com as pessoas, de explicar que aqueles objetos iam ser bem cuidados, bem guardados... E aí a gente tem o cuidado de primeiro saber a história do objeto com a família. E durante a catalogação, teve objetos que causaram surpresa nas crianças e jovens, como a forma de fazer tijolo, a máquina de bater a nata pra fazer manteiga, os moinhos... Porque hoje pouca gente vê a massa pro cuscuz e pra canjica sendo feitas. Já se compra pronta. Então, isso desperta muita curiosidade. E esses estão mais ligados a nossa vivência no Semiárido, mas teve também o telefone-orelhão, que faz parte da comunicação. Nós mostramos a evolução dessa tecnologia, com o celular e outras formas de comunicar.”*



Educação Patrimonial. João Paulo Vieira, professor DR. Mário Martins Viana Junior UFC e Ângelo Queiroz, Antropologia e Everaldo Dourado Arqueologia.

Sala de exposição, que está passando por uma revitalização e alguns objetos do acervo.

Montar um acervo requer dedicação, paciência e exercício da escuta

O museu fica a uma quadra do Pereiro. São três espaços: a recepção junto com a biblioteca, uma sala de exposições e o auditório. Estão em reforma e querem colocar vitrines e prateleiras para expor e modernizar os espaços e se inserir nas mídias sociais.

Hoje o museu tem 52 peças catalogadas e mais 38 peças para catalogar. Sobre a metodologia de ampliação do acervo, Deimy conta: *“Inicialmente, os estudantes do curso de História da UFC vieram com os professores João Paulo Vieira, Mário Viana Júnior, Everaldo Dourado e Chico Aragão, do MIS – Museu da Imagem e do Som e com o professor Paulo ,..... que é especialista em museus comunitários. A gente vai atrás do objeto pela história dele, o quanto fez parte da vida das pessoas. Quanto a documentos em papel, a gente não tem estrutura para conservação e por isso ainda não estamos recebendo.”*

O Museu trilhando as águas

Nesse processo formativo, a montagem do acervo se ampliou. “O arqueólogo Agnelo Queiroz veio estudar as gravuras indígenas em pedras encontradas em vários riachos perto daqui. Mais uma relação da cultura e da história com a água. É um museu a céu aberto, que fica numa propriedade privada, mas a gente tem um bom diálogo e orienta para manter e conservar o espaço. É possível visitar numa trilha ecológica”, diz Deyme orgulhoso pela preservação desse patrimônio.

Seguir as trilhas do museu é enveredar numa trajetória inspiradora, que aguça os sentidos, que revela a importância da preservação em todos os sentidos. Deyme fala da chegada dos moradores na comunidade, da casa de sementes, das cisternas que mudaram o modo de vida das pessoas, da árvore-símbolo que é o Pereiro, da capela, que é um símbolo religioso e de luta. Ele lembra da primeira vez que ameaçaram derrubar o Pereiro e o povo reagiu: *“É o povo mostrando que resiste e respeita sua própria história.”*

Juntos temos que explorar o passado para construir o futuro, mais consciente e sustentável e em sua presença ser fundamental na diferença” Deimy Moura

Os caminhos percorridos e os percursos futuros

O Museu da Resistência concorreu a um edital do Estado e recebeu um pequeno valor no Prêmio Museu Comunitário e recentemente foram certificados pelo IBRAM - Instituto Brasileiro de Museus.

Deyme diz emocionado que *“O Estado reconheceu a nossa resistência e estamos cadastrados. O município também reconheceu a nossa ação como espaço que salvaguarda a história. E hoje estamos no Plano Nacional de Museus. Dentro do plano, nesse primeiro ano é a catalogação dos objetos que já temos. E para o futuro, explorar mais as mídias sociais. Estamos construindo um auditório para ser usado pela comunidade e visitantes, modernizar os espaços.”*

Ao falar do calendário do museu, ele logo se anima: *“Em maio, recebemos a certificação da Semana Nacional de Museus. Em novembro, tem a Alvorada dos Museus, e o tema desse ano é: Museus, Sustentabilidade e Efeitos Climáticos. Olha aí a água presente de novo! E falar dos efeitos climáticos dentro de um museu, que não é de ciências naturais, mas está mais ligado à arqueologia e à antropologia, é falar do que a gente vive no cotidiano”, diz sorrindo.*



Redes sociais do Museu